

BARBARA O'CONNOR

• Autora do aclamado *Apenas Um Desejo* •

≡ UMA SURPRESA ≡

# Caída do Céu

Se deixares voar os teus sonhos,  
verás que a vida é uma aventura mágica.



*Para a Amanda, com amor.*

## Capítulo 1



**N**a noite em que a Posey e a Evalina se mudaram para Harmony, na Geórgia, o Walter Tipple voltou a ter aquele sonho.

O sonho do aniversário.

A mãe e o pai estavam junto dele, à espera de que apagasse as velas.

Eram onze velas.

Toda a gente cantava os parabéns, mas, de repente, a porta de casa abria-se e entrava o Tank, irmão do Walter, fardado com o uniforme militar.

Levantava os braços e dizia «Olhem quem está de volta», e toda a gente ficava boquiaberta e de olhos esbugalhados, como se tivesse mesmo visto um fantasma.

O que não deixava de ser verdade, é claro.

As velas pingavam cera para cima da deliciosa cobertura de manteiga que a mãe tinha feito.

E então acontecia aquilo.

Sempre que o Walter tinha aquele sonho.

O fantasma do Tank tirava o seu chapéu militar, enfiava-o na cabeça do Walter e dizia:

— Apaga as velas, Homenzinho, e eu mostro-te o meu mundo.

Depois dava uma palmada nas costas do Walter e acrescentava:

— Mas tens de apagar *todas*, e à primeira. Nada de batota.

Fazia aquele seu sorriso, com o dente da frente lascado.

A seguir, cruzava os braços, batia com o pé e dizia:

— Olha que não tenho o dia todo.

Então, o Walter olhava para as onze velas, inspirava fundo...

... e acordava.

Todas as vezes.

Na noite em que a Evalina e a Posey se mudaram para Harmony, o Walter sentou-se na borda da cama com o coração aos saltos depois daquele sonho.

Ouviu um carro passar ruidosamente pela estrada de gravilha em direção à casa do lado, a moradia decrépita do Ernest e da Nadine.

Saiu da cama e foi até à janela, sentindo nos pés descalços o frio do soalho de madeira. A brilhante lua cheia iluminava o quintal, fazendo o fio do estendal da roupa projetar uma sombra misteriosa, como uma cobra negra e comprida a serpentear pelo jardim e sobre a cadeira onde, em certas tardes, o pai dormia a sesta.

Ao luar, o Walter viu o carro da Evalina rebocar um atrelado cheio de caixas de cartão. Uma máquina de lavar. Um colchão.

Não viu a Posey nem o seu cãozinho desgrenhado, o *Costeleta*, no banco da frente, ao lado da Evalina.

Mas, no dia seguinte, fez o que a mãe lhe tinha pedido e foi à velha casa com um frasco de pickles. Ficou à espera no alpendre de madeira, ao qual faltavam metade das tábuas, e começou a contar até dez para se acalmar antes de bater à porta. Ainda só tinha contado até seis quando uma menina magra e de joelhos esfolados saiu disparada para o alpendre, seguida por um pequeno cão a latir.

— Não sabes ler? — berrou-lhe ela.

O Walter por pouco não deixou cair os pickles e caiu para trás, para cima dos arbustos espinhosos que ladeavam o alpendre. Quando achou que o seu coração aflito ia parar de repente, a rapariga aproximou a cara da dele e disse:

— Pelos vistos, também não sabes falar.

— Hum... — balbuciou o Walter, olhando para o frasco de pickles.

— Põe a língua de fora — mandou a rapariga de rajada, olhando-o de alto a baixo.

Foi o que o Walter fez, é claro.

Pôs a língua de fora.

Então a Evalina saiu para o alpendre e disse:

— Minha nossa senhora, Posey! O que é que tu estás a fazer ao rapaz?

— Estava a ver se me ouvia, porque de certeza que não sabe ler.

A Posey apontou para uma tabuleta pregada ao corrimão do alpendre.

*Angariadores Não*

Aquela tabuleta estava ali desde que o Walter se lembrava, e *ainda* não sabia o que eram angariadores. Tinha sempre partido do princípio de que queria dizer *qualquer* ser humano que respirasse, porque

o Ernest e a Nadine não queriam que ninguém pusesse o pé na propriedade deles. Ficavam todo o santo dia naquela casa a cair de podre e só abriam a porta de quando em quando para afugentar gatos do quintal, que se enchia de ervas daninhas.

Até que, um dia, a Nadine morreu e, três dias mais tarde, morreu o Ernest. Pouco depois, a mãe ouviu alguém nos correios dizer que a filha deles vinha do Tennessee para morar na velha casa.

A Evalina.

A mãe não tinha ouvido dizer que a Evalina tinha uma filha magrinha e de joelhos esfolados chamada Posey, nem um cãozinho barulhento chamado *Costeleta*.

Foi por isso que o Walter se viu um pouco perplexo naquele alpendre, com um frasco de pickles na mão, e uma rapariga a olhar para ele e o cão dela a rosnar-lhe e a tentar abocanhá-lo.

Já refeito do susto, olhou bem para a Posey e ficou um pouco mais animado.

Uma grande mancha de nascença em forma de coração ocupava-lhe o centro da bochecha esquerda.

Castanho-escuro, a contrastar com a sua pele clara e sardenta.

No momento em que viu aquela mancha de nas-  
cença, o Walter achou que talvez ele e ela fossem  
almas irmãs, ligadas pela infelicidade de serem um  
alvo fácil.

O Walter sabia, desde sempre, o que era ser um  
alvo fácil.

Era um rapaz pouco falador e tímido, que andava  
com os pés para dentro e tinha um olho preguiçoso  
que parecia nunca querer olhar para onde o outro  
olhava.

Rapazes assim eram alvos fáceis para a língua  
aguçada das crianças de Harmony.

E ali estava uma rapariga que, com uma mancha  
em forma de coração na bochecha, de certeza seria  
um alvo fácil.

O Walter tinha esperado toda a vida por uma alma  
irmã, e ali estava.

Era verdade que ela parecia um pouco agreste,  
a apontar-lhe o dedo e a embirrar por causa da tabu-  
leta no corrimão do alpendre.

*Mas também, pensou o Walter, no que toca a almas  
irmãs, os pedintes não têm escolha.*

Deu à Evalina o frasco de pickles e o cãozinho vol-  
tou a rosnar e tentou novamente abocanhar-lhe os



tornozelos, fazendo-o saltar do alpendre abaixo e aterrar com um estrondo na terra vermelha do quintal.

— Sossega, *Costeleta* — ordenou a Posey, agarrando o cão pela coleira. Olhou para o Walter e disse: — Ele só morde se eu mandar.

O Walter levantou o olhar para o cão e sentiu a boca abrir-se de pasmo.

Aquele cãozinho desganhado só tinha três patas! Duas à frente e uma atrás.

A Posey deve ter-se apercebido do espanto do Walter, porque disse:

— É preciso ser-se duro quando se tem o aspeto aqui do *Costeleta*. É um lutador.

Apontou depois para si mesma com um polegar e acrescentou:

— Como eu.

Nesse dia, a caminho de casa, o Walter sentiu-se um pouco mais leve. Talvez o verão viesse a ser melhor. Os Tipple viviam tão longe da cidade, que o Walter nunca tinha tido ninguém com quem passar o tempo além do Tank. Agora que o Tank tinha partido, passava os dias sozinho.

A sua cabeça encheu-se de imagens dele e da Posey a divertir-se à grande.

À procura de salamandras debaixo dos barrotes apodrecidos junto ao rio.

A juntar, quem sabe, uma segunda história ao forte que ele e o Tank tinham construído, no bosque, atrás de uma pilha de tábuas velhas cheias de térmitas que em tempos haviam sido o celeiro de alguém.

Contudo, nessa noite, o Walter sentiu a familiar Sra. Dúvida entranhar-se sorratamente, voltando a fazer dele o ser cheio de preocupações que era. Pensou na Posey a apontar para a tabuleta a dizer *Angariadores Não* e a olhar de esguelha para a cara dele.

Começava a perceber que a Posey devia ser daquelas crianças que aperfeiçoam a arte de se opor aos ofensores.

Estava mesmo a ver que, quando o verão acabasse, ela havia de entrar para a Escola Básica de Harmony e desafiar as outras crianças a rirem-se dela, bastando-lhe para isso lançar-lhes um olhar poderoso como um raio laser.

Havia de tirar douradinhos do prato dos miúdos do primeiro ano ao almoço ou desafiar os do terceiro ano a tocarem-lhe na mancha de nascença e, a seguir, cobrar-lhes 25 cêntimos se o fizessem.

Sim. A Posey sabia opor-se aos ofensores de uma forma que ele, Walter Tipple, nunca saberia.

Ela e aquele cão, o *Costeleta*, tinham uma dureza que ele, Walter Tipple, nunca teria.

Nessa noite, quando ele finalmente adormeceu, a Sra. Dúvida já tinha dado lugar ao Sr. Desencanto. Alguém que se opunha aos ofensores como a Posey não queria dar-se com um falhado como ele.

Mas depois, o que aconteceu no dia seguinte mostrou ao Walter que talvez o destino estivesse finalmente do seu lado, enviando-lhe, afinal, a alma irmã.

No dia seguinte, ele, a Posey e o *Costeleta* andaram a passar por entre arbustos espinhosos e por cima de árvores caídas no bosque denso junto ao rio, e encontraram um homem morto.

## Capítulo 2



**N**a manhã que se seguiu ao dia em que foi dar os pickles da mãe à Evalina e à Posey, o Walter atirou água fria contra a cara para tentar limpar da cabeça o sonho que voltara a ter. Aquele em que, no seu aniversário, o Tank lhe dizia «Apaga as velas, Homenzinho, e eu mostro-te o meu mundo.»

Ao pequeno-almoço, a mãe andava pela cozinha de roupão e pantufas, com a expressão carregada e triste que não abandonava nos últimos seis meses.

Deixou-se cair na cadeira, ficando de frente para o Walter, e empurrou a caixa dos cereais na sua direção. O Walter suspirou. Tinha muitas saudades das fatias douradas e das panquecas de mirtilo que ela costumava fazer para ele e para o Tank.

Olhou para o lugar vazio do Tank à mesa e até conseguiu ouvi-lo gabar, como era seu hábito, os cozinhados da mãe, que ficava radiante e voltava para o fogão para cozinhar mais qualquer coisa.

Agora, o silêncio tinha-se instalado na pequena cozinha, tirando o som da torneira mal vedada a pingar para cima da pilha de pratos sujos no lava-louças.

A mãe olhou pela janela.

O Walter mexeu os cereais e sentiu-se invisível.

— Quando é que o pai vem para casa? — perguntou ele.

A mãe bebeu um gole de café e encolheu simplesmente os ombros.

— Em breve — disse ela.

— Mas quando?

— De certeza que há de estar cá para os teus anos.

*Ainda bem*, pensou o Walter. *Só faltavam cerca de duas semanas.*

O pai era camionista numa empresa de madeiras e, às vezes, chegava a estar fora semanas a fio, deixando o Walter e a mãe entregues àquele vazio silencioso, sem o Tank.

Às vezes, o Walter imaginava que ouvia o som das botas do irmão no soalho de madeira desgastado.

Ou o seu modo desafinado de cantar no quarto.  
As piadas gastas que faziam a mãe rir.

O Walter deixou a tigela com os cereais empapados no chão, para os gatos, e voltou para o celeiro. Abriu as duas portas e entrou, espreitando na escuridão e inalando o cheiro a terra húmida e madeira velha. A óleo de motor e gasolina. Abriu a porta da pick-up preta e brilhante do Tank, subiu para o lugar do condutor, fechou a porta e sussurrou:

— Olá, Tank.

Passou a mão pelo cromado polido em volta do painel de instrumentos e imaginou o Tank ali, a aspirar, a polir e a puxar o lustro, até que tudo naquela querida carrinha estivesse perfeito.

O Walter encostou a face ao assento e inspirou fundo. Quase podia jurar que ainda sentia um leve vestígio do *aftershave* do irmão a pairar por ali.

Abriu o porta-luvas e sentiu o golpe familiar que era a visão das coisas do Tank.

Uma pequena bolsa de lona cheia de moedas de 25 cêntimos.

Um baralho de cartas cheio de dedadas gordurosas do Tank.

Uns óculos de sol.

A fotografia de uma rapariga com quem o Tank tinha namorado, sentada na parte de trás da carrinha. Um coração vermelho desenhado com força em volta da sua cara.

O Walter pegou nas chaves da carrinha, presas a um porta-chaves de metal que dizia *Nascido Para Ser Livre*. Pôs a chave na ignição, como fazia todos os dias desde que o Tank tinha partido.

Tal como prometera.

— Deixa-a trabalhar uns minutos todos os dias — dissera o Tank antes de partir. Depois, com um aceno, acrescentara: — Mantém-na quentinha para quando eu voltar.

Naquele sonho que o Walter estava sempre a ter desde que o Tank tinha partido, ninguém se mexia quando o fantasma do irmão aparecia, nem mesmo o Walter. Mas, na vida real, não teria hesitado em dar um abraço ao irmão. Teria ficado tão feliz por afinal o Tank ter regressado, ainda que o senhor de cara triste do Exército tivesse ido lá a casa dizer que ele nunca havia de voltar da guerra em que combatera no outro lado do oceano.

Mas o Walter continuava a cumprir a promessa. Aquela carrinha tinha sido o orgulho e a alegria do

Tank, comprada com o dinheiro que ele ganhara a cortar ervas daninhas, a soprar folhas e a abrir buracos para os postes das vedações todos os dias depois da escola. Ia manter a carrinha quente, brilhante e polida tal como o Tank gostava de a ter. Com os tampões dos pneus a brilhar como espelhos.

Deu a volta à chave e ouviu o rugido do motor. O rádio acendeu-se na estação de música *country* preferida do Tank e ouviu-se uma canção sobre pôr moedas na *jukebox* e dançar devagar até à hora de fechar.

Pôs as mãos no volante e fingiu que conduzia.

Com as janelas abertas, que deixavam entrar o ar da noite de verão.

Às vezes, o Tank deixava o Walter conduzir, em terrenos de pasto ou campos de feijão lavrados ou parques de estacionamento amplos e vazios. A última vez que o Walter tinha conduzido a carrinha fora uma noite, no parque de estacionamento da igreja de Oak Groove. De pescoço esticado para conseguir entrever alguma coisa na escuridão, mal conseguia chegar com os pés ao acelerador. Tinham gritado de alegria e o Tank tinha-lhe falado de raparigas, do liceu e das festas noturnas junto à torre de



água, aquela que tinha *Harmony* escrito a vermelho. Depois, a caminho de casa, o Tank tinha-lhe contado que se alistara no Exército e que ia sair finalmente de Harmony e da Geórgia.

A alegria daquela noite tinha caído por terra ao ouvir aquilo.

— Mas para onde é que vais? — perguntara, apesar do nó na garganta que quase o impedia de falar.

— Ainda não sei — dissera o Tank. — Mas preciso de abrir um pouco as asas, entendes? A Geórgia, esta cidade, são um ponto minúsculo no universo.

— Então e eu? — perguntara o Walter em voz baixa e trémula. — Se vais abrir as asas, eu faço o quê?

O Tank dera-lhe um encontrão no ombro.

— Tu tens de cumprir a tua pena, Homenzinho. Tens de cumprir a tua pena.

— O que quer isso dizer?

— Ceifar campos, escavar buracos para as vedações, terminar a escola, beijar raparigas — dissera o Tank, piscando-lhe o olho. — Têm de te crescer as asas antes de as poderes abrir.

A seguir, tinham ido para casa em silêncio, o Tank com o braço de fora da janela e o Walter a pensar na pena que tinha de cumprir.

Agora estava ali sentado na carrinha, com pena de si mesmo. Abriu o porta-luvas e tirou um envelope. Olhou para o seu próprio nome e a morada escrevinhados na letra desalinhada do Tank.

O Tank partira há quase seis meses, e o Walter ainda não tinha conseguido abrir o envelope. Tinha guardado e lido as outras cartas vezes sem conta. Mas esta chegara dois dias depois de o senhor do Exército lhe dizer que o Tank não voltaria.

Seria aquela carta como as que guardava na gaveta da cómoda?

Cartas a falar da vida emocionante que o irmão levava longe de casa.

Fazia tudo parecer tão bom.

Parecia não ter saudades nenhuma de Harmony.

Ou diria aquela carta outra coisa?

Diria, finalmente, que tinha saudades de Harmony?

E diria, finalmente, que tinha muita pena de não ter ido a casa despedir-se do Walter antes de se ir embora?

Aqueles pensamentos deram-lhe a volta às entranhas e encheram-no de raiva, e depois sentiu cair sobre ele o peso da culpa. Não queria estar zangado com o irmão de quem sentia tanta falta. Estar

zangado com o Tank parecia-lhe profundamente errado, mas quase não havia um momento do dia em que, dentro dele, não se travasse uma luta entre a raiva e a dor.

Desligou a carrinha, voltou a pôr a chave e o envelope no porta-luvas e sussurrou «Adeus, Tank.»

Fechou a porta da carrinha e limpou a sujidade do puxador com a ponta da t-shirt, fechou as portas do celeiro e foi a correr ter com a Posey.

## Capítulo 3



— **A** Evalina disse-me para te devolver o frasco dos pickles, mas preciso dele.

A Posey estava com umas galochas sujas, bem acima do joelho. O *Costeleta* seguia a trote atrás dela, saltitando com a perna de trás. Com o pelo castanho e branco a apontar em todas as direções, sacudia a cauda no ar como uma bandeira.

O Walter pestanejou.

— Hum...

— Encontrei mais frascos no teu barracão — informou ela, apontando para o pequeno barracão junto ao jardim.

Levava na mão um saco de plástico, fazendo os frascos chocalhar lá dentro.

— A Evalina não é tua mãe? — perguntou o Walter.

— Sim.

— Então porque é que lhe chamas Evalina?

— Porque é o nome dela — disse a Posey, e atravessou a passo largo o quintal em direção à estrada, com o *Costeleta* a correr atrás dela.

— Ei! — chamou o Walter.

Ela parou e voltou-se.

Inclinou a cabeça.

Arqueou as sobrancelhas.

— O que vais fazer com esses frascos? — perguntou o Walter.

A Posey ficou a olhar para ele de alto a baixo, o suficiente para ele passar nervosamente o peso de um pé para o outro.

— Apanhar vairões — afirmou ela. — Bem, é possível que não sejam vairões a sério. A menos que haja uma carpa no rio. Há alguma carpa naquele rio?

— Algumas — disse o Walter. — Mas há mais trutas e peixes-gato.

— Os vairões verdadeiros são carpas — informou a Posey. — Sei porque li o *Curiosidades Interessantes* quatro vezes e tenho memória fotográfica, praticamente, por isso lembro-me de quase tudo

o que li ali. — Passou o saco de uma mão para a outra. — Já leste esse livro?

O Walter abanou a cabeça.

— É o meu preferido. Arranjei-o numa associação de beneficência onde vivíamos, no Tennessee. Tinha um monte de livros, mas a Evalina obrigou-me a deixá-los quase todos, por isso só trouxe os meus preferidos. Tenho um sobre como ensinar os cães a fazer truques. Olha isto.

Fez um círculo com a mão e o *Costeleta* deitou-se e rebolou.

— Onde é que vais apanhar vairões? — perguntou o Walter.

A Posey aproximou a cara da cara dele.

— Dah! No rio, como te disse.

O Walter abanou a cabeça.

— Boa sorte.

— O que é que queres dizer com isso?

Ele encolheu os ombros. Tinha vivido a vida toda junto ao rio Chattahoochee. Sabia que o melhor sítio para apanhar vairões era na água transparente dos riachos que afluíam do rio lamacento.

— Quero dizer que encontras mais vairões nos riachos do que no rio — disse ele.

— És perito em vairões?

— Não, mas...

— Aposto que não sabias esta curiosidade interessante de os vairões serem carpas — afirmou a Posey.

Seguida pelo *Costeleta*, pôs-se a caminho em direção à estrada, com os frascos a chocalhar a cada passada, gritando ainda:

— Vens ou não?

# UM LIVRO MUITO ESPECIAL QUE NOS TRANSPORTA ATÉ ÀS NUUVENS. A HISTÓRIA DE UMA AMIZADE CAPAZ DE FAZER ESQUECER A SOLIDÃO.

O Walter sonha viver uma grande aventura. Mas sem o irmão mais velho — o seu melhor amigo e companheiro de todas as descobertas —, deixou de ter vontade de explorar o mundo.

Até ao dia em que conhece a Posey, a sua nova e espevitada vizinha, e o *Costeleta*, um cãozinho de três patas que a acompanha para todo o lado. Finalmente, o rapaz solitário volta a acreditar que a vida vale mesmo a pena.

Num dos seus passeios, os dois amigos encontram um homem um pouco excêntrico que lhes diz que caiu do céu. O que se segue é um verão inesquecível, que os levará numa viagem por entre as nuvens e os desafiará a enfrentar os medos com coragem e determinação.

No fundo, é só seguir o caminho do coração...

«Uma história sobre o doce poder da amizade,  
com personagens memoráveis.»

*Booklist*

TAMBÉM VAIS  
GOSTAR DE LER:



**booksmite**  
livros que saltam à vista  
20120 editora

ISBN 978-989-564-558-9

9+



9 789795 645589

Literatura Juvenil